

ALGUNS COMENTÁRIOS SÔBRE A POSIÇÃO DA FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM UMA UNIVERSIDADE ALEMÃ.

Quando de nossa estada na Universidade alemã de Tübingen, pudemos ter o prazer de ouvir as preleções de dois eminentes filósofos da História, professôres nessa Universidade. Um dêles foi o conhecido professor e teólogo Dr. Ernst Bloch, professor já emérito, doutor em Filosofia e ensinando agora na Universidade de Tübingen em caráter de professor-visitante, especialmente convidado. O outro professor foi o Docente Dr. Gerhard Haueptmer, também doutor em Filosofia.

Nos dois vimos um traço em comum, a tendência idealista, quase utópica de sua doutrina. Em Bloch, há mesmo uma tendência reconhecidamente utópica.

O Professor Dr. Haueptmer, no qual nos deteremos, toma como base para suas preleções a obra e a doutrina de Nietzsche. Segundo êle seria Nietzsche o primeiro filósofo a notar que a vida e a História não são uma e a mesma coisa. Inicialmente chama a atenção para o fato de ser a vida mais extensa do que a História. À História pertencem apenas aquêles fatos que se sobressaem no contexto geral da vida, aquêles que assinalam algo de excepcional na vida de um indivíduo. O estudo da Morfologia social daria a estrutura da História. Um exemplo é a Música, pois ela reflete, como arte, sempre as tendências de sua época. Assim, para êle, a História observa os fatos da vida. Com relação à Filosofia, esclarece, necessariamente toda filosofia positiva do mundo deve ser otimista, não pode ser nihilista, ou como diria Bloch, não deve ser pessimista. Ela tem e deve de acreditar e levar em consideração o "Ser" (**Da-sein**), o Existente para Bloch; não o pode negar.

O homem não se pode separar do lugar, do ambiente onde vive. Êle possui um eu, uma consciência histórica, formada pela educação recebida através da vida, na História de seu povo. O caráter histórico da vida do homem é dado pela sociedade. Êste lastro adquirido torna-se quase inconsciente ao

homem. A relação entre a sua vida e a História depende do movimento de integração de sua personalidade às necessidades atuais de sua sociedade e suas próprias notas pessoais — **Eigentlichkeit** (veracidade). Esta capacidade de entrosamento constrói uma “pré-história” (aqui tomada no sentido de: fato passível de se tornar histórico, ou melhor ainda, os fatos que marcam a vida individual de cada um), mas só o espírito do social, do todo, possibilita o aparecimento da História. O homem caminha por si próprio, este movimento através da História dá-se automaticamente, quer em ascensão, quer em queda. Os grandes homens, em parte, são produtos da sociedade, pois esta possibilita o desenvolvimento de suas capacidades para o Bem e para o Belo.

E’ exatamente esta dualidade entre a pessoa e o grupo social o que possibilita a História. Na tendência do inconsciente histórico individual para o consciente da sociedade, está situada a natureza do histórico. Aliás esta noção está de acôrdo com a tradição filosófica. Para Schelling, por exemplo, os fatos históricos se sucedem antes mesmo que o povo o note e sômente mais tarde este mesmo acontecimento será incorporado à História dêste povo.

História é realidade. O problema consiste apenas em se saber se a realidade atual já pode ser anteriormente, ou seja, no momento de sua realização, julgada comô História ou não. Um exemplo para um julgamento antecipado de fatos ou realidades históricas seriam os oráculos na linguagem antiga e os prognósticos, na linguagem moderna. Aliás, tanto um quanto o outro só nos interessam na medida em que se relacionam com a vida pessoal do indivíduo.

Na natureza humana já se encontram as raízes da pré-história (no sentido já indicado) e da História, as quais só mais tarde se tornarão realidade. Ambas são produtos do tempo. A imagem da História no homem, seria a origem da própria História. Entre os autores antigos, defensores desta idéia, temos Plutarco. Em sua obra procura esclarecer a idéia do que passa (**fieri**) e da serenidade. A noção de existência, na Filosofia, indica várias qualidades naturais que o homem traz consigo para a História. Por exemplo: a idéia da existência de Deus através da História.

A continuidade é uma das características da História. Para Nietzsche “o mal é o fundamento da economia”. Todo fato histórico representa-se ao homem com certo colorido emocional de alegria, tristeza, felicidade, etc., dependendo do ponto

de vista daquele que o interpreta. Cada filósofo vê na História os fatos de um ponto de vista e daí as várias correntes filosóficas nascidas de um e o mesmo fato histórico. Os escritos de Nietzsche, na época em que lecionou em Basel (Suíça), são profundamente marcados pela sua psicologia individual, apresentam um aspecto notadamente subjetivo. O mesmo iremos encontrar na obra de Schopenhauer, na de Schiller, Rickert, Marx ou nas dos filósofos existencialistas modernos.

Este aspecto da Filosofia da História, Nietzsche, classifica como o caráter interpretativo de todos os atos humanos, sem contudo levar esta sua teoria aos extremos, como o fez Schopenhauer. Para Schopenhauer a vida seria o modo, o meio cego que o mundo usa para construir a História. Daí a problemática do tempo para o ser. No homem nós podemos distinguir dois aspectos: o animal e o ser, o vivente (**das Dasein**).

O animal, tomado no sentido do homem, enquanto simplesmente vivo, não é histórico. O ser, o vivente (**das Dasein**) é a força do presente. O presente para o homem é um todo, em contraposição ao passado, algo desordenado e, ao futuro, algo nebuloso. O temporal no homem tem uma estrutura histórica. No ser, no vivente (**in dem Dasein**) êle é algo complexo, mas com um determinado papel em relação à História e à Filosofia da História. O homem só deseja ser feliz, e somente nesta parte se distingue do animal. O homem não esquece; o esquecimento é uma das características do animal. O esquecimento seria a anulação do ser, do vivente (**des Daseins**). A vida seria idêntica, então, à historicidade do ser. Não há, neste sentido, filosofia de vida, somente história filosófica da vida.

Estas são em última análise as idéias mestras do curso proferido pelo Professor Dr. Hauptmer durante o semestre de inverno 1962-1963, na Universidade de Tübingen. Infelizmente para a feitura do presente artigo tivemos de nos basearmos apenas em anotações de aula. As idéias acima expostas ainda não foram dadas a público.

Segundo nosso modo de ver, esta colocação do homem dentro da Filosofia da História, pode levantar várias e interessantes discussões em torno não só de uma Filosofia da História, propriamente dita, mas também em relação à interpretação da realidade histórica.

MARIALVA CARRER DA CRUZ

Licenciada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras de Santos.